



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Discurso midiático e a visibilidade da categoria remanescente de quilombo

Mariléa de Almeida

Centro Universitário Geraldo Di Biase

marileade@uol.com.br

Desde o final da década de 1980, temos ouvido falar de um ator político que se constituiu como um sujeito de direito denominado *remanescente de quilombo*, aparentemente como criação recente, e com uma luta também recente: a obtenção do direito à terra. Todavia, para justificar esse direito, o discurso sobre esse sujeito construiu seu significado numa relação direta com o passado, com os moradores dos antigos quilombos e suas tradições.

Esse contraste não demorou a ser posto em xeque, porque as experiências concretas de diversas comunidades que se posicionavam como remanescentes de quilombo desafiaram a idéia de atrelamento da categoria ao passado, pois muitas delas não se organizaram seguindo as expectativas de formação dos quilombos típicos: não tiveram sua origem a partir a partir de fugas, não eram isoladas nem realizavam práticas culturais que as relacionassem às antigas tradições. Tais quilombos, assim, problematizavam uma ordem discursiva.

Com efeito, no mesmo momento em que a categoria foi criada, também passou a ser necessário construir saberes que a definissem. Produziu-se, então, uma série de saberes específicos destinados a explicar, selecionar, separar, identificar quem poderia ser definido como remanescente de quilombo.

Estes conhecimentos inventaram uma categoria *remanescente de quilombo* como uma continuidade com o passado, e o mecanismo de poder que permeou todas estas invenções foi o silenciamento sobre a perspectiva desta invenção, o que naturalizou a categoria. Esta criação ocorreu em diferentes discursos: jurídicos, acadêmicos e midiáticos.

Porém, para as finalidades e limites deste trabalho, tomarei como foco de minhas análises a visibilidade, nos discursos midiáticos, da comunidade São José da Serra, situada no Sul Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, como remanescente de quilombo. As questões que permeiam este trabalho são: que condições de possibilidades



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

históricas permitiram a visibilidade deste grupo como remanescente de quilombo? Que significados são atribuídos à categoria remanescente de quilombo nos discursos midiáticos? E quais as implicações destes significados?

Para configuração destas questões, foi fundamental o diálogo estabelecido com Michael Foucault e sua definição de *condições de possibilidades*, como uma rede de significados construídos nos discursos que caracterizam uma época nos diferentes domínios da sociedade, ou seja, uma *episteme* como o terreno onde se ancoram estas possibilidades de pensar. Segundo Foucault, fazer uma arqueologia de uma *episteme* é descobrir quais regras de organização favorecem quais determinados sujeitos ou objetos serão constituídos. Para Foucault, os saberes que são produzidos em cada época não são naturais, mas sim frutos das suas condições históricas que também são condições políticas, ou seja, são atravessadas por relações de poder. (FOUCAULT, 2007, p. XII-XIII)

A idéia de Michael Foucault sobre as condições de possibilidades ajudaram-me a desconfiar da visibilidade da comunidade de São José da Serra presente nos discursos midiáticos: essa visibilidade não seria um dado, mas se produz nas condições históricas materializadas nos discursos midiáticos. Tanto a emergência destes discursos quanto as visibilidades que eles produzem estão relacionadas às condições que favorecem para que apareça um objeto de discurso - isso significa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época. (FOUCAULT, 2008, p.50-51)

Michel Foucault considera que uma determinada visibilidade é possível porque as condições políticas de cada época produzem saberes através das instituições, dos processos econômicos e sociais, das formas de comportamento, dos sistemas de normas, e também de técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização. E estes discursos não apenas se referem à realidade - instituem e criam realidades. Dessa maneira, as coisas não existem fora dos seus significados, por isso não é exatamente a sociedade que constitui a realidade a ser estudada; ela se revela nos discursos que produz.

Para Foucault, o discurso não é apenas um conjunto de signos que remetem a conteúdos ou representações, mas se faz de práticas que formam os objetos de que fala, ou seja, os discursos se referem ao real, mas não são o real. Atribuem significados ao real. O real é um acontecimento, e os discursos sobre o real são outro acontecimento. Esta distinção é importante porque um se refere ao outro, mas eles não podem ser



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

confundidos. Desta forma, a questão central não é analisar se os discursos são mais verdadeiros ou falsos em relação ao referente, mas o que eles nos fazem ver e dizer sobre os sujeitos e objetos a que se referem.

Por exemplo, a visibilidade da comunidade de São José da Serra é um acontecimento, mas a forma como esta visibilidade se apresenta no discurso midiático, jurídico e acadêmico, é outro acontecimento. (FOUCAULT, 2003, p.7-27). Considero, assim, que os discursos midiáticos, uma visibilidade sobre a comunidade que por si não constituem um dado, mas uma forma de significá-la – são produto de condições históricas que interferem no modo pelo qual os indivíduos se produzem e são produzidos, através de determinadas práticas e discursos.

Ocorre, como afirma Foucault, que a sociedade produz uma multiplicidade de discursos, uma variedade de formas de ver e dizer, mas, como as práticas sociais não são neutras, mas sim atravessadas por relações de poder, na disputa pelo significado das coisas busca-se instituir uma ordem nestes discursos, ou seja, selecionar aquilo que é preciso ser dito para a aplicação de um determinado poder. (FOUCAULT, 2009, p.7-36) Então, uma forma de ver e dizer é sempre uma relação de poder. Mas qual é sutileza deste mecanismo de poder?

O poder para Foucault é operatório - não apenas reprime, também cria, produz subjetividades, lugares de onde as pessoas partem às vezes para se oporem a estes próprios poderes. Sobre este aspecto, Gilles Deleuze, analisando a questão do poder em Foucault, afirma que, nas relações de poder, é comum aqueles que na luta contra um poder apóiam-se nele, ou seja, naquilo que foi criado pelo próprio mecanismo de poder, fazendo com que o poder crie um espaço que muitas vezes também é um espaço de luta. (DELEUZE, 2005, p.7-14)

Ora, a categoria *remanescente de quilombo* foi criada como um sujeito de direito coletivo, na suposição de que existe uma identidade que funda esta experiência, que unifica. Num primeiro momento, foi identificada como um grupo que tinha relações com antigos quilombos, concebidos como “local de negros fugidos”. A existência concreta de uma série de comunidades negras rurais de certa forma poderia problematizar esta categoria, mas sua luta se deu não questionando a validade da criação de um sujeito de direito coletivo, mas os significados em torno da categoria.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Por isso, estes discursos não representam a “essência” ou a verdade do sujeito, apenas o instituem, codificando, classificando e supostamente o explicando. Dito isso, considero que a visibilidade da comunidade de São José da Serra nos diferentes discursos faz parte de práticas sociais que a instituíram como sujeito.

Apesar de não serem objetos de análise deste trabalho é importante salientar que a produção discursiva acadêmica e jurídica sobre a Comunidade Negra Remanescente de Quilombo São José da Serra sugere que, a partir da década de 1990, este grupo ganhou visibilidade como uma comunidade i) tradicional, porque mantém práticas culturais antigas e ii) de parentesco, pois seus membros têm uma mesma genealogia. Esses aspectos tanto atraíram a imprensa escrita e televisiva como também é visível em seus discursos. Considero que estas visibilidades foram possíveis, também pela articulação dos seguintes aspectos: à crescente necessidade da comunidade de São José da Serra de utilizar-se de suas práticas culturais como incremento econômico; os discursos produzidos nos meios midiáticos que contribuíram para construir e divulgar a imagem da comunidade de São José da Serra como tradicional.

A comunidade Negra Remanescente do Quilombo da Fazenda São José da Serra: as necessidades materiais e suas práticas culturais.

A Comunidade de São José da Serra vive atualmente na Fazenda de São José da Serra, propriedade particular, localizada a cerca de 13 quilômetros da sede do Distrito de Santa Isabel do Rio Preto, na Serra da Beleza, no Município de Valença, no interior do Estado do Rio de Janeiro, no Vale do Paraíba Fluminense.

De acordo com pesquisas genealógicas, grande parte dos moradores que residem atualmente na Fazenda de São José da Serra descendem de dois casais de escravos que viveram nas terras da fazenda por volta de 1860. São netos, bisnetos e tataranetos de Pedro Costa Seabra, Militana Maria de Jesus, Tertuliano e Miquelina, todos ex-escravos na Fazenda de São José da Serra. (MATTOS, 2004, p. 25)

No alvorecer da década de 1990, os setenta e sete descendentes dos ex-escravos da Fazenda de São José da Serra moravam, em sua maioria, em casas construídas de estuque (pau-a-pique), com cobertura de sapé e chão de terra batida. A saber que das dezesseis casas existentes em 1998, somente uma era de alvenaria, com cobertura de telha de amianto e chão revestido de cimento.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Outro aspecto é que até 2004 não havia energia elétrica nas residências da comunidade. A iluminação interna e externa à casa dos moradores era feita com lampião a gás, lamparina ou vela. A única exceção era a casa do proprietário, que possuía um gerador de energia. Não havia água encanada nem rede de esgoto. A maioria das casas tinha banheiro externo, tipo fossa, que remonta às condições precárias de vida de séculos passados. Essas condições de vida permitem uma leitura bastante óbvia das condições materiais e, por consequência, o tratamento que essas pessoas recebiam do proprietário e do poder público da cidade local.

A subsistência, até a década de 1990, de praticamente todos os moradores da comunidade provinha do trabalho na fazenda como diaristas, recebendo em torno de R\$ 5,00 (cinco reais) a diária, e suas atividades principais giravam em torno do cultivo de milho e a criação a gado. Além do trabalho para o proprietário, para a sua sobrevivência os moradores também cultivavam variados tipos de frutas, legumes e verduras. Dedicavam-se também a produções artesanais, como balaios e tambores. E realizavam algumas atividades criadoras de animais de pequeno porte, como porcos e galinhas.

A partir desses dados, considero importante analisar os condicionantes materiais que favoreceram para que práticas culturais da comunidade de São José da Serra se transformasse em um produto cultural inserido no mercado de turismo da região Sul Fluminense na década de 1990. Para tanto, avalio ser importante articular as condições sociais da comunidade de São José da Serra em relação às transformações econômicas ocorridas no Sul Fluminense do Estado do Rio de Janeiro.

Segundo Hebe Mattos, entre os anos 1950 e 1980, o crescente esgotamento do café e sua contínua substituição pela pecuária na região provocou o escasseamento das oportunidades de trabalho nas redondezas de São José da Serra. Autora afirma ainda que, dentro da fazenda, a situação também se agravou, pois o povoado que tinha ficado confinado no grotão nas décadas anteriores, teria o uso desta parte também ameaçada, pois o gado da fazenda invadia constantemente as plantações de subsistência dos membros da comunidade. (MATTOS & MEIRELLES, 1998, p. 33-34)

A partir das informações fornecidas por Mattos, considero que os moradores buscaram alternativas variadas para sanar suas dificuldades, tanto recorrendo à saída da fazenda em busca de melhores condições de sobrevivência em outras regiões, como



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

criando alternativas de remuneração que não envolvessem apenas o trabalho na terra. O que nos interessa analisar é justamente a segunda solução.

Sobre o início dos usos de suas práticas culturais como alternativa econômica, Antônio do Nascimento Fernandes, liderança dentro da comunidade de São José da Serra, narra um episódio que pode nos ajudar a compreender como isso se deu:

Porque teve uma hora que eu vi que a gente tinha que paralisar a construção da capela. Aí eu pensei, se a gente fizer uma festinha em dezembro, faz um leilão e a gente faz vangariar um fundo pra gente continuar a capelinha. E aconteceu, foi um dos melhores leilão. Eu mandei convite que a gente tava fazendo a capelinha. Veio a prima minha de São Paulo. Então o pessoal de São Paulo mandou que ela viesse representar a família. Então ela rematou tudo quase que tinha no leilão. Deixou uma grana violenta pra comunidade.
¹(Antonio Nascimento Fernandes MC- LABHOI – UFF- 2003)

A narrativa de Antônio do Nascimento Fernandes refere-se ao fato de que, em 1979, havia uma capelinha em cima do morro, dentro da comunidade. Esta capelinha caiu, e, para conseguir recursos para a sua reconstrução, Antônio do Nascimento Fernandes e sua mãe dona Zeferina transformaram as festas de 13 de maio, que já aconteciam na casa de dona Zeferina, em festas abertas ao público, acontecendo pelo menos duas vezes por ano, num espaço da fazenda que pudesse abrigar mais visitantes. A partir daquele momento, de forma gradativa, a comunidade passaria a utilizar-se das festas como um incremento econômico, atraindo turistas.

Porém, no final da década de 1980, a permanência do grupo nas terras da fazenda foi constantemente ameaçada. A este respeito Mattos (2004) afirma que, em 1988, com a morte da antiga proprietária, uma parte da fazenda de São José da Serra foi vendida, e o novo proprietário tentou inicialmente retirar os antigos moradores da fazenda, justificando que só precisaria de um caseiro. Não tendo êxito nesta iniciativa, o proprietário tentou que os moradores da Fazenda de São José da Serra assinassem um contrato de comodato.

Ainda, Hebe Mattos completa que, como eles não chegaram a um acordo, o proprietário mudou de estratégia e ofereceu, como troca de sua contribuição para a finalização da capela, a obrigação de a comunidade realizar, durante cinco anos, o

¹ Antonio Nascimento Fernandes – disponível no acervo de História Oral Memórias do Cativoiro-LABHOI – UFF- 2003



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pagamento a terça parte dos rendimentos obtidos nas lavouras familiares. Além disso, o proprietário da fazenda contaria com mão-de-obra diarista da comunidade nas suas plantações de feijão.

A partir da análise desses acontecimentos, considero ser possível dizer que a necessidade de complementar suas rendas, uma vez que as oportunidades de trabalho na lavoura escasseavam-se, e as instabilidades geradas pelos conflitos com os proprietários da terra levaram a comunidade de São José da Serra a buscar alternativas para a sua sobrevivência. Com efeito, no final da década de 1980 e início da década de 1990, justamente no contexto em que a comunidade atravessava conflitos e instabilidade gerada pelas dificuldades de permanência nas terras que ocupava, a utilização de suas festas com complemento econômico possibilitou a visibilidade das suas práticas culturais. Isso ocorreu em parte tanto pela valorização da cultura afro-brasileira em âmbito nacional, como pela emergência do turismo rural e cultural na região do Sul Fluminense. Estes dois fatores favoreceu o interesse midiático pela comunidade, definida como um grupo que mantém práticas tradicionais. Dentre elas, destaca-se o jongo.²

Os discursos midiáticos e a Comunidade de São José da Serra

Sobre as relações entre a comunidade de São José da Serra e os meios midiáticos na produção e divulgação das suas práticas culturais, este trabalho afasta-se de qualquer percepção maniqueísta que possa supor que a comunidade desempenharia um papel passivo, e a mídia seria a produtora inequívoca dos discursos sobre ela. Com base nesse olhar, não é importante aqui se os conteúdos dos discursos presentes na mídia, a respeito da comunidade de São José da Serra, são “falsos” ou “verdadeiros”, mas que efeitos produzem, e como estes efeitos são utilizados pela comunidade na construção de sua identidade como remanescente de quilombo.

Antônio do Nascimento Fernandes, narrando um episódio ocorrido 1994, conta que, naquela ocasião, chegou à sua casa um enviado do prefeito para intermediar uma entrevista entre a comunidade de São José da Serra e um repórter da rede Globo. Segundo Fernandes, tratava-se de uma matéria sobre o turismo na região do Sul

² O Jongo, também conhecido como caxambu ou tambu é uma dança e um gênero poético-musical característico de comunidades negras das zonas rurais e periferia do sudeste do Brasil.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Fluminense, e a comunidade São José da Serra seria um dos elementos culturais a serem destacados na matéria.

Antônio do Nascimento Fernandes diz ter recusado a visita da repórter e ainda estabeleceu como critério de que só atenderia ao pedido caso o prefeito visitasse o local. A exigência se justificava porque Fernandes, naquele momento, reivindicava melhorias para a comunidade de São José da Serra e vizinhanças. Depois daquele episódio, o próprio Fernandes conseguiu marcar uma reunião com o prefeito de Valença, Dr. Álvaro Cabral, e acabou sendo convidado pelo prefeito para o cargo de Subprefeito em Santa Isabel, elegendo-se vereador em 1996.³

De certa forma, a trajetória política de Antônio do Nascimento Fernandes também representa o aumento dos espaços políticos da comunidade e se mescla ao aumento da visibilidade da comunidade na mídia:

*Há uns dez anos mais ou menos quando eu levei o primeiro jornal lá, imprensa. Quando entrou a televisão... o jornal, o pessoal só faltou esconder no mato. (...) Hoje eu tenho condições de falar para vocês irem à comunidade sem eu estar junto e vocês vão fazer um bellissimo trabalho igual vocês estão fazendo aqui comigo. Então qualquer caso que vocês chegarem lá, vocês vão ser recebidos, eles vão deixar filmar, vão deixar tirar retrato, desde que eu avise que vai alguém, né? Na comunidade... ai seu passar isso ai... pode ir lá que fica tudo a vontade. Então hoje até as crianças nossa tem condição de responder alguma coisa sobre a comunidade.*⁴

O trecho acima sugere que, ao integrar um espaço de liderança política, Fernandes percebeu a necessidade de a comunidade estabelecer relações amistosas com a mídia, e por meio das quais seria possível produzir e divulgar um discurso que legitimasse a imagem da comunidade como tradicional.

E, de fato, as fontes midiática sobre a comunidade de São José da Serra aumentou, entre os anos de 1997 e 2007, para citar alguns exemplos: Revista Isto é (21/05/1997); Jornal O Globo (11/05/2003 e 20/11/2003); Jornal do Brasil (23/11/2003); Jornal O Dia (5/5/2004); TV Globo (13/5/2004); Jornal do Brasil (On line) (Maio de 2007); Revista Raça Brasil (Janeiro/2007).

³ Antonio Nascimento Fernandes – disponível no acervo de História Oral Memórias do Cativoiro-LABHOI – UFF- 2003

⁴ Antonio Nascimento Fernandes – disponível no acervo de História Oral Memórias do Cativoiro-LABHOI – UFF- 2003



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Um aspecto que chama a atenção é que estas matérias, em sua maioria, foram veiculadas no mês de maio, durante as festas que comunidade de São José da Serra tradicionalmente realiza. Os textos ressaltavam aspectos como isolamento e tradição, e, ao encontro disso, as festas colaboravam também para atrair a mídia para dentro da comunidade, o que nos leva a refletir sobre o seu papel, e o papel da comunidade como um ator social, na construção e utilização desses discursos.

Para as análises sobre os conteúdos discursivos produzidos pela mídia e os possíveis efeitos destes discursos sobre a visibilidade do que é ser quilombola de identificação da comunidade de São José da Serra, analisarei de três reportagens, a partir da década de 1990.

A primeira, refere-se a matéria publicada na Revista “Isto é”, em 1997, que seria o primeiro meio de comunicação de circulação nacional a publicar uma matéria sobre a Comunidade de São José da Serra. Lançada em 1976, pela Editora Três, de Domingo Alzugaray, a revista “Isto é” é considerada uma das três maiores revistas de circulação semanal do país ao lado da revista Veja (1968) e da Revista Época (1998). (CORREIA, 2008, p.208-222) .

A revista, “Isto é” é um exemplo destas revistas de grande circulação. E no dia 19 de maio de 1997, a Comunidade de São José da Serra foi tema de uma matéria de duas páginas na revista. A matéria, assinada por Liana Mello, recebeu o seguinte título: *“de Pai para filho: No interior do Rio, descendentes de escravos vivem sem luz elétrica e lutam para manter a tradição”*:

“Negro no cativo. Passou tanto trabalho. Ganhou sua liberdade. No dia 13 de maio.” O canto ecoou forte, ritmado pela batida seca dos tambus. Era terça-feira, 13 de maio. Dia de festa na Fazenda São José, próximo a Valença, na região Sul Fluminense. Ao redor de uma feijoada caprichada, um grupo de negros canta e dança. Como se o tempo não tivesse passado por essas bandas, 120 descendentes de escravos comemoram o dia da abolição da escravatura. Desplugados do mundo dos brancos, sem televisão, geladeira, carro ou mesmo água encanada, os negros da Fazenda São José da Serra vivem como se estivessem ainda num quilombo.

(...) Sem grandes discussões históricas, os jovens da Fazenda São José da Serra querem mesmo é continuar dançando o jongo e acreditando nas tradições do seu povo. Não há entre eles quem já não tenha visto ou ouvido falar da Mãe de Ouro - uma divindade em forma de bola de fogo multicolorida que surge no céu, ilumina o roçado e depois desaparece em uma clareira da Serra do Cavalu Ruço. Esta lenda que povoa o imaginário dos negros desde o tempo da escravidão é cultuada até hoje pelos moradores da Fazenda São José. Eles acreditam que a aparição da Mãe de Ouro é uma indicação de que algo de bom vai acontecer “. (Revista Isto é, 21/05/1997)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Quando li pela primeira vez o texto da matéria da revista “Isto é”, a minha primeira impressão foi a de que o texto apresentava a comunidade de uma forma exótica e esteriotipada. Esta percepção causou-se desconforto porque conforme aponta Durval Muniz de Albuquerque, o discurso da esteriotipia é constituído de uma linguagem acrítica, de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais. Esta minha primeira percepção não favoreceu que eu pudesse compreender a positividade daquele mecanismo de poder para o processo de identificação da comunidade de São José da Serra. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, p. 30)

Mas uma inserção conceitual da matéria é suficiente para uma mudança de perspectiva. Michael Foucault afirma que o poder não apenas reprime mas ele cria, ele produz, forma saber, produz discurso. O discurso esteriotipado da matéria cria uma posição de sujeito para a comunidade São José como exótica, isolada, que mantêm as tradições, presa ao passado mas que necessita da terra para continuar sendo exótica, não deixar morrer as tradições e lendas . Uma vez que o discurso midiático recorre de um identidade tradicional recorre à idéia de continuidade, é necessário analisar, no interior deste discurso, como este mecanismo opera. Para compreender esta questão é fundamental entender as concepções de tempo e espaço presentes nestes discursos.

No que se refere à concepção de tempo, a matéria atribuiu a comunidade de São José da Serra uma temporalidade de continuidade com o passado: “*Como se o tempo não tivesse passado*”, “*Desplugados do mundo dos brancos,*”, “*Sem grandes discussões históricas sem grandes discussões históricas os jovens da Fazenda São José da Serrada querem mesmo é continuar dançando o jongo e acreditando nas tradições do seu povo*”. Estes enunciados, ao atribuírem uma leitura de paralisia do tempo, ao tempo colabora para paralisar também os moradores de São José da Serra, que se igualam aos seus antepassados.

A esta visão de tempo, a matéria também atribuiu uma concepção de espaço ligado ao isolamento:

Prestando atenção na localização da Fazenda São José da Serra entende-se, em parte, a razão do quase isolamento da comunidade. Escondidos entre a Serra da Beleza e o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Pico do Cavalo Ruço, seus moradores precisam ir a pé ou a cavalo, a cada 15 dias, a Santa Isabel do Rio Preto comprar sal e açúcar. (Revista Isto é, 21/05/1997)

Considero que as concepções de tempo e espaço que a matéria atribui aos moradores de São José da Serrada favorecem que ao longo da matéria se atribua um aspecto tradicional à comunidade, no sentido que a tradição aproxima-se àquela ligada a uma visão habitual de folclore, ligada à essencialidade e estaticidade, como pode ser exemplificado na Carta do Folclore Americano, elaborada por um conjunto representativo de especialistas e aprovada pela OEA em 1970. Neste documento, citado por Canclini (2000), o folclore é constituído por um conjunto de bens e formas culturais tradicionais, principalmente de carácter oral e local, sempre inalteráveis.

Outro aspecto que eu gostaria de ressaltar no discurso desta matéria é o fato de que, apesar de os moradores de São José da Serrada não terem sido definidos como remanescentes de quilombo ao longo do texto, algo que os ligaria ao presente, considero que isso se deve ao contexto de disputa em discursiva, em termos legais, sobre a definição da categoria *remanescente de quilombo* e a intenção da comunidade de conseguir as terras que estavam ocupando. Quando a matéria foi produzida, o discurso que direcionava as políticas públicas privilegiava como critério de definição como remanescente de quilombo a presença de resquícios materiais. Esta questão é materializada no texto da matéria da revista “Isto é”:

Passados 109 anos, a comunidade tem a posse da terra, mas não sua propriedade. Vivem em casebres feitos de tijolo de barro cru e cobertos de sapês. Sem documentos para contar suas origens, eles preservam suas raízes graças à tradição oral. Dos tempos da escravidão não sobraram muitos vestígios - apenas uma jabuticabeira é testemunha do passado quando os negros moravam na senzala e eram castigados pelos feitores. Vivendo hoje como colonos, plantam feijão e milho no solo esgotado pelo café, que um dia fez a riqueza dos fazendeiros da região. (REVISTA Isto é, 21/05/1997)

A percepção de que os discursos são atravessados por relações de poder permite pensar sobre o enunciado acima da seguinte forma. O texto discurso legal da época designava como remanescentes de quilombo apenas aqueles que possuíam resquícios materiais, mas a revista se contrapõe a isso, ao atribuir à comunidade outros valores como por exemplo a manutenção da história oral. Considero que, dessa forma, materializa-se o questionamento de uma ordem discursiva, e tal questionamento,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

naquele momento, era importante para que a comunidade de São José da Serra pudesse ser considerada um sujeito de direito.

O segundo conjunto de matérias analisadas ocorreram em 2005, entre os dias 11 e 13 de maio, naqueles dias foi exibida uma série de reportagem denominada “Quilombos do Rio” pelo RJ TV da rede Globo. A comunidade de São José da Serra estava presente em todas as matérias. No primeiro dia, os remanescentes de quilombos foram definidos pela reportagem como “sobreviventes da escravidão” - uma moradora da comunidade de São José da Serra é usada como exemplo desta sobrevivência: *“Joana da Conceição nunca saiu do Quilombo de São José da Serrada Serra Serra, em Valença. Parece nem ver o tempo passar”*.

No segundo dia, denominado “Tradição Negra gera renda” a reportagem enfatizou o fato de que depois de enfrentar dificuldades com agricultura, descendentes de quilombo descobriram que podem se sustentar com o turismo.

No terceiro e último dia da série de reportagens, foi ao ar a última reportagem, com o nome de “tradições quase esquecidas”. Naquele dia, o jongo da comunidade de São José da Serrada Serra é apresentado da seguinte forma: *“E jongo assim, do jeitinho que os africanos trouxeram para o Brasil, só se encontra em uma comunidade do estado do Rio de Janeiro: o Quilombo São José da Serra, em Valença”*.

Note-se, com essas reportagens, a possibilidade de comentar que, para os meios midiáticos, a idéia é a de que a comunidade “vende” na medida em que é divulgada como uma evidência de que, em alguma medida, é possível fazer com que o tempo não passe, através do isolamento espacial.

Costa (2005, p. 5), ao analisar este conjunto de matérias sobre São José da Serra, considera que a veiculação da série de reportagens teria influenciado um aumento significativo de turistas na festa de 2005. Segundo Carlos Eduardo, a partir de uma consulta à lista de assinaturas da festa, em de 2004 havia 150 assinaturas, mas, em 2005, após a exibição série de reportagens veiculadas na TV Globo, este número saltaria para 998 pessoas.

Articulando esse fato aos conteúdos discursivos das matérias veiculadas em rede nacional, considero que a presença da comunidade de São José da Serra num espaço



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

mediático como a TV Globo favoreceu tanto o aumento do número dos turistas naquela festa como a visibilidade deste grupo como remanescente de quilombo, porque essa informação vinha sempre destacada. Sobre a caracterização da comunidade de São José da Serra como quilombola, este dado é visível em outras matérias.

Para citar o último exemplo analisado, em 2007, a Revista Raça Brasil também apresentaria uma matéria sobre a comunidade de São José. A revista Raça Brasil, lançada em 1996, constituiu-se como uma revista que procurava proporcionar visibilidade do negro a partir de representações consideradas positivas para os negros, tendo como característica comercial ser etnicamente segmentada. Em 2007, a comunidade de São José da Serra se faz na revista da Raça Brasil através da matéria intitulada “*Jongo: de estrutura matriarcal os quilombos mantêm viva essa dança de roda conhecida popularmente como o pai do samba*”. A matéria apresentava a comunidade de São José da Serra nos seguintes termos:

Até dois anos não havia luz elétrica no Quilombo São José, no município de Valença, próximo à cidade de Conservatória, no interior do Rio de Janeiro. O isolamento geográfico (560 metros do nível do mar e quase 20 km de estrada de terra que separa o quilombo de Conservatória) contribuiu para que a vida por lá permaneça praticamente igual à época da escravidão, nos idos de 1850 – quando seus antepassados chegaram à fazenda São José. Cerca de 200 quilombolas, divididos em 31 famílias, ainda vivem em casas de barro com telhado de sapê, cozinham em fogões a lenha e usam ferros a carvão. O ritmo da comunidade – marcado pelo batuque do tambor do jongo – comprova: a tradição vive! (Revista Raça Brasil Janeiro, 2007)

Dez anos separam a matéria da Revista “Isto é” da matéria da Revista “Raça Brasil”, e novamente a comunidade de São José da Serra continuou sendo caracterizada como uma comunidade tradicional e isolada, que manteve intocadas as práticas culturais do passado escravista, o que significa que esta imagem foi consolidada ao longo destes anos através dos discursos midiáticos, penetrando inclusive uma publicação voltada para a discussão da negritude no Brasil.

Se por um lado identificamos nesses discursos um aspecto exótico, por outro lado não podemos negligenciar o fato que eles atribuíram à comunidade de São José da Serra algumas características, como um caráter tradicional e isolado, que necessita da terra para manutenção das tradições. Nesse sentido, tais discursos construíram uma positividade em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

torno da comunidade e contribuíram para reforçar a sua imagem como remanescente de quilombo.

Considero que emergência desse discurso e da maneira como a comunidade é retratada pela mídia não podem ser entendidas apenas através de fatores externos à comunidade; devemos levar em consideração o papel desempenhado pela comunidade de São José da Serra na construção deste discurso. A comunidade foi gradativamente recebendo a mídia, dando entrevistas e reforçando imagens sobre si. Estas relações são importantes porque a comunidade necessita divulgar sua imagem como uma comunidade tradicional que tanto atrai turistas para as suas festas e divulga o seu principal produto - o jongo -, como consolida sua legitimidade como quilombola. Mas, para que isso ocorra, é necessário que os discursos apresentem a comunidade de forma positiva (leia-se tradicional), pois nem sempre são veiculadas imagens e discursos que favorecem esta construção sobre as comunidades quilombolas. Este é um aspecto importante, pois nem sempre uma comunidade que reivindica a questão da terra consegue ter sua imagem veiculada de forma positiva.

Um exemplo disso foi o que ocorreu com a comunidade de São Francisco do Paraguaçu, localizada no Recôncavo Baiano. Em 2007, entre os dias 14 e 15 de maio, o Jornal Nacional levou ao ar matérias que denunciavam a comunidade como uma fraude, no que tange à sua identificação como quilombola. Segundo a reportagem, uma equipe da TV Bahia, afiliada da Rede Globo no estado, esteve em São Francisco do Paraguaçu, uma das onze comunidades do Recôncavo Baiano reconhecidas como remanescentes de quilombos, e os jornalistas, em conversa com os moradores da comunidade, chegaram à conclusão de que a maioria daqueles moradores nunca havia ouvido falar da existência de um quilombo na região, e também afirmavam desconhecer a existência de resquícios de engenhos de cana-de-açúcar no local, onde os escravos teriam trabalhado. (observatoriodaimprensa.com.br/ de 15/05/2007)

É importante frisar que o discurso que deslegitima a comunidade de São Francisco de Paraguaçu é atravessado pelas mesmas noções de tempo e espaço que legitimam a comunidade de São José da Serra. Ocorre que a primeira não apresenta continuidade com o passado e tampouco seu espaço quilombola foi preservado, diferentemente do modo como a comunidade de São José é retratada. Uma matéria



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

veiculada em rede nacional sobre uma comunidade que está em vias de conseguir sua titulação de terras torna-se um problema, uma vez que nesse processo, muitas vezes marcado por litígios, é necessário ampliar a rede de aliados, e não de opositores. Trata-se de um elemento político que não pode ser dispensado.

Nas análises que realizei anteriormente, sobre a comunidade de São José gostaria de destacar para nas considerações finais que, em primeiro lugar, a crescente necessidade material da comunidade de São José da Serra favoreceu que as práticas culturais fossem transformadas em produtos culturais, o contexto de emergência de um discurso da vocação para turismo na região do sul Fluminense, foi utilizado por seus membros como um meio de visibilidade.

Em segundo lugar, que o crescente interesse da mídia pelas práticas culturais da comunidade de São José da Serra e o interesse da comunidade em ampliar seus espaços de visibilidade favoreceram a construção e a disseminação de um discurso em torno da comunidade de São José da Serra como uma comunidade tradicional e isolada, e esses discursos tanto proporcionaram um número cada vez maior de turistas para suas festas como também colaboraram para divulgar a comunidade de São José tanto como remanescente de escravo, como posteriormente como remanescente de quilombo.

Com efeito, no mesmo momento em que a categoria remanescent foi criada, também passou a ser necessário construir saberes que a definissem Mas, apesar da multiplicidade de saberes, continuou-se a atribuir a este ator político do presente uma obrigação de pertencimento ao passado, como mostramos nos discursos midiáticos. Desta forma, estes conhecimentos forjavam uma relação direta entre o sujeito a ser conhecido (uma criação do tempo presente) com o conhecimento produzido (que deveria estabelecer uma relação com o passado).

Estes discursos colaboram para uma concepção de *remanescente de quilombo* como uma continuidade com o passado, e o mecanismo de poder que permeou todos estes discursos foi a naturalização da categoria. Ocorre que estes discursos como uma invenção recente, é uma abstração na medida em que estabelece um parâmetro baseado em idealizações do passado, mas produz efeitos na vida cotidiana das pessoas que se posicionam como remanescentes de quilombo.



Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusp, 2007.p. 138

ALMEIDA, Mariléa. *Não queremos ser vistos apenas como artistas. A comunidade Negra Remanescente do Quilombo de São José (1997-2007)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Severino Sombra, 2010.

CANCLINI, Nestor. G. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução: Ana Regina Lessa, Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Editora Edusp,2000,p.213

CORRÊA, Thomaz Souto. *A era das revistas de consumo*. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tânia de Regina. (orgs). *A história da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 218-222.

COSTA, Carlos Eduardo. *Quilombo de São José da Serra: as mudanças de datas festivas e a construção de identidade quilombola*. In: Usos do Passado. XII Encontro Regional de História. ANPUH- RJ, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução: Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005, p.37

FOUCAULT, Michael. *A Ordem do discurso*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009. pp. 7-36.

_____. Prefácio. In: *As palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Arqueologia do Saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. pp. 50-51

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução: Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: NAU editora, 2003. pp. 7-27

_____. *Arqueologia do Saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. pp. 50-51

_____. Michael. *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto Machado: Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. pp. 7-8

MATTOS, Hebe. *Genealogia do Quilombo de São José*. In: ANDRE, Marcos. *O Jongo do Quilombo de São José*. Associação Brasil Mestiço, 2004.

_____. & MEIRELES, Lídia C. *“Meu pai e vovô falava: quilombo é aqui” Memória do Cativo, Território e Identidade na Comunidade Negra Rural de São José da Serra*. Relatório de Identificação de Comunidade Remanescente de Quilombo. Rio de Janeiro: LABHOI – Laboratório de História Oral e Imagem – UFF, 1998.

SANTOS, João Batista do Nascimento. *O Negro Representado na Revista Raça*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina